

Mulheres brasileiras

Coletânea de entrevistas perfila experiências de mulheres brasileiras engajadas em ações sociais, culturais e políticas de importante relevância para a sociedade brasileira. Em foco, a ampliação dos direitos humanos, a seriedade no trabalho e a militância comprometida e às vezes reacionária.

por Fábio Silvestre Cardoso



**Brasileiras:
Guerreiras da Paz**
Clara Charf (org.)
Contexto, 2006

No ano de 2005, um grupo de mulheres decidiu lançar uma candidatura arrojada para o prêmio Nobel da Paz. Não se tratava de um nome qualquer. Na verdade, eram 1000 mulheres do mundo inteiro. Exatamente isso: as ativistas dos Direitos Humanos da Suíça criaram a Associação 1000 Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz de 2005 e, com efeito, concluíram o projeto. A despeito desse esforço, os suecos do Nobel deram a honraria ao egípcio Mohamed El Baradei, diretor da Agência Internacional de Energia Atômica.

O projeto, contudo, não foi em vão. Isso porque as brasileiras selecionadas foram entrevistadas e perfiladas pelas jornalistas Carla Rodrigues, Fernanda Pompeu e Patrícia Negrão. E, a partir de agora, os leitores brasileiros têm à mão o livro *Brasileiras: Guerreiras da Paz – Projeto 1000 Mulheres*, que reúne o retrato de 52 brasileiras cuja atuação mereceu destaque na seleção dos organizadores brasileiros do projeto, sob a coordenação de Clara Charf.

É a própria Clara quem dá as palavras iniciais, para contextualizar o lei-

tor acerca da iniciativa, no prefácio do livro. Segundo ela, as 52 escolhidas representam milhares de outras mulheres empenhadas em fazer, na ciência, na arte, na academia, nas organizações, no campo, nas metrópoles, nas periferias e nos quilombos, um Brasil mais equânime. De fato, nota-se que a seleção contemplou os nomes mais relevantes de todas essas áreas citadas. Mais do que isso: a atuação de todas essas brasileiras mostra que o Brasil tem, sim, um capital humano de altíssimo nível a ser exportado, seja no campo teórico, seja na ação social. Boa parte dos perfis do livro, no entanto, escolhe uma terceira via para mostrar a importância dessas brasileiras: a atuação das notáveis na luta da igualdade de gêneros, pró-feminismo, contra o machismo. Como toda escolha, essa tem suas vantagens e desvantagens.

De um lado, observa-se que as perfiladas possuem um traço em comum: são lutadoras, o que, conforme se vê no título do livro, está além de mera coincidência. É esse elemento, por exemplo, que une o trabalho social da ginecologista Albertina Duarte Takiuti

com o da ex-doméstica e hoje ativista Creuza Maria Oliveira. Ambas, e cada qual à sua maneira, travam verdadeiras batalhas contra a discriminação, a desinformação e a exclusão social. Nos dois casos, os resultados são sensivelmente perceptíveis, ainda que haja muito a ser realizado. Semelhantemente, as trajetórias vencedoras de Benedita da Silva e Luíza Erundina, mesmo com o passar dos anos, permanecem como vitórias exemplares de brasileiras guerreiras por natureza.

De outro, todo esse viés analítico também promove alguns exageros no que se refere a algumas mulheres perfiladas. Nota-se nesse aspecto uma exaltação excessiva de mulheres cujo único feito ao longo de toda vida foi, sem desmerecer a causa, a defesa do feminismo e a luta contra a Ditadura. Novamente, isso não quer dizer que esses esforços tenham sido inúteis. Nada disso. Ocorre que esses mesmos nomes acabam por estar lado a lado de figuras realmente relevantes no cenário político, científico e social, como a ministra do Meio Ambiente Marina Silva, a pesquisadora do Genoma, Mayana Zatz, e a arqueóloga Niède Guidon. A diferença é clara. Nesses nomes citados, a referência à militância política ou ao feminismo é quase nula, elemento preponderante nos perfis de Maria Amélia Teles e Nilza Iraci, só para ficar em dois exemplos.

O fato é que, para além da importância do campo de atuação das mulheres presentes nesta coletânea, o que parece contar mesmo é a atividade militante. Nesse caso, o feminismo é não somente um denominador comum, mas, sobretudo, um “domador” co-

mum, mantendo as palavras de ordem assim como o discurso politicamente correto da luta pela igualdade de gêneros, de raça e em prol das minorias sociais. Como resultado, o que se vê são perfis que primam por uma “limpeza ideológica” das trajetórias de todas as escolhidas. Os leitores podem procurar à vontade que não encontrarão uma perfilada sequer que se assumia a favor da propriedade privada e da manutenção do discurso conservador no âmbito da família e dos bons costumes.

Certamente, as mulheres brasileiras têm legitimidade e razão em buscar um país mais equânime, como escreve Clara Charf na apresentação deste livro. Entretanto, até pelo que as mulheres já fizeram pelo Brasil, isso já não pode ser mais realizado apenas com palavras de ordem. Pois a experiência prova: a ação vai além das palavras.

Fábio Silvestre Cardoso
Jornalista
E-mail: cardosofs00@gmail.com

“As mulheres brasileiras do livro são guerreiras porque participam de uma luta contra a desigualdade social, em um aspecto mais amplo, e a favor da igualdade entre homem e mulher, em um plano primeiro e mais específico.”